

Título: Entre a classe média e a periferia: o caso do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2008)

Autor: Diogo Frizzo (Mestrando em Ciência Política – DCP/USP)

Preparado para o II Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, para apresentação na mesa “Partidos e Eleições”, em 26/04/2012.

Resumo

O objetivo deste trabalho, ainda em desenvolvimento, é discutir o tema da mudança da base eleitoral do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade de São Paulo. Para isso, buscou-se analisar a trajetória eleitoral do PT na capital paulista, entre as eleições municipais de 1996 a 2008, com o propósito de constatar sinais dessa mudança.

Foram utilizadas as bases de dados dos surveys realizados no período (1996-2008) para verificação da mudança/manutenção do perfil socioeconômico do eleitorado petista entre essas eleições, mediante a utilização de técnicas estatísticas.

Procurou-se também verificar a existência de regiões com maior penetração do partido, os chamados redutos eleitorais, com base nos resultados eleitorais obtidos por distrito através do uso de análise espacial.

Os dados preliminares encontrados, com base na combinação dessas duas técnicas, indicam que da eleição de 2000 para 2004 o PT perde preferência das camadas médias da sociedade paulista e dos distritos centrais da cidade e amplia substancialmente sua penetração nas camadas populares e nas regiões periféricas, situação que se acentua em 2008.

Palavra-chave: Partido dos Trabalhadores; comportamento eleitoral; São Paulo; eleição municipal; análise espacial

Introdução

O Partido dos Trabalhadores (PT) é o único partido político que lançou candidatura própria à prefeitura da cidade de São Paulo em todas as eleições disputadas desde 1985. Foram sete eleições disputadas pelo PT na capital paulista (1985, 1988, 1992, 1996, 2000, 2004 e 2008), sendo o partido consagrado vencedor em duas oportunidades, nas eleições de 1988 e de 2000. Apenas em uma vez o partido ficou em terceiro lugar, na primeira eleição disputada (1985), tendo obtido nos demais pleitos no mínimo a segunda posição. O partido passou de coadjuvante em 1985 a um dos principais protagonistas da disputa eleitoral na cidade a partir de 1988.

O PT, desde 1985, cresceu na votação recebida para a disputa da prefeitura de São Paulo, e aumentou seu apoio, chegando a ser o principal partido na preferência do eleitorado paulistano. Contudo, e é isso que pretendemos destacar, esse crescimento não se manifestou da mesma forma nos diversos estratos do eleitorado na cidade. Há sinais que indicam mudanças no perfil do eleitorado petista na cidade de São Paulo, cabendo investigar de que forma isso ocorre, a partir de qual momento, e qual a intensidade das mudanças observadas.

Nossa hipótese é de que pode ter havido uma mudança da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo em 2004, se acentuando em 2008.¹ O PT perde preferência das camadas médias da sociedade paulistana e dos distritos centrais da cidade e amplia substancialmente sua penetração nas camadas populares e nas regiões periféricas, mudando o perfil do seu eleitorado.

Para contextualizar a modificação da base eleitoral do Partido dos Trabalhadores na cidade de São Paulo, buscaremos analisar a literatura sobre o comportamento eleitoral na cidade, observando as características da base eleitoral do PT desde o seu surgimento até as eleições de 1992. A partir das eleições de 1996, utilizaremos os dados dos surveys do Instituto Datafolha, para verificação da mudança/manutenção do perfil socioeconômico do eleitorado petista entre as eleições de 1996 e 2008, buscando verificar a relação entre as variáveis socioeconômicas e o voto no PT. Iremos também

¹ Alguns trabalhos sugerem a existência de uma mudança na base eleitoral do PT nacionalmente, a partir de 2006, resultado de um realinhamento (Singer, 2009) e de mudança de territórios eleitorais, com a inversão de apoio entre as regiões nordeste e sudeste (Terron, 2009).

observar a existência de regiões com maior penetração do partido, os chamados redutos eleitorais, com base nos resultados eleitorais obtidos por distrito através do uso de análise espacial, entre as eleições de 1996 e 2008.

Esperamos ao final desse trabalho apresentar a evolução da base do PT na cidade de São Paulo, de que forma ela evoluiu, como era e como é o seu perfil atual, se mudou, e quando mudou. Pretendemos destacar as regiões geográficas de sua maior penetração, e as de maior resistência à entrada do partido, apresentado sua evolução entre as eleições de 1996 e 2008. Enfim, responder à pergunta: houve mudança na base eleitoral do PT?

As bases eleitorais do PT na cidade de São Paulo (1982-1992): revisão da bibliografia

Procuraremos verificar como as características da base eleitoral do PT entre as eleições de 1982 e 1992, aparecem na bibliografia sobre o período. O foco da análise sobre o comportamento eleitoral na cidade de São Paulo mudou ao longo dos anos, passando da compreensão das características do voto emedebista/pemedebista, para a compreensão das razões da ascensão da direita na cidade a partir da vitória de Jânio Quadros nas eleições de 1985.

A discussão sobre a base eleitoral do PT não esteve no centro desse debate. Com exceção de Meneguello (1989), que analisou a composição da base no PT em 1982, não observamos nenhum outro trabalho que tenha se detido exclusivamente na análise das bases eleitorais do PT na cidade de São Paulo. Os estudos sobre comportamento eleitoral na cidade de São Paulo, até meados da década de 1990, abordaram a base eleitoral do PT lateralmente. Somente a partir do final da década de 1990, e mais propriamente a partir dos anos 2000, uma maior ênfase dada à verificação do eleitorado petista na cidade pode ser observada. Por isso, no esforço para apresentarmos as características do eleitorado petista na cidade de São Paulo, buscaremos destacar, ainda que a abordagem tenha se dado de forma superficial, as características do eleitorado do PT observadas pelos autores que trataram o tema das eleições paulistanas.

As características do eleitorado petista na capital na primeira eleição disputada pelo partido em 1982 para o governo do Estado, onde o PT obteve 14,3% dos votos válidos, apontam, segundo Lamounier e Muszynski (1983), para uma maior penetração

do partido nas regiões mais pobres da cidade, dado que o PT apresentou uma maior votação entre as áreas homogêneas mais pobres². Outra característica além da renda, que vão destacar os autores, seria que o eleitorado petista também apresentava um maior interesse por política, o que seria um indicativo da existência de um maior conteúdo ideológico nesse eleitor. Sobre o eleitorado petista nessas eleições, Meneguello (1989), a exemplo do que já havia sido destacado por Lamounier e Muszynski (1983), também vai observar uma maior penetração do PT no eleitorado mais pobre, partindo da observação dos resultados das áreas homogêneas para chegar a essa afirmação. Um importante dado que os autores vão assinalar, é a característica oposicionista do voto dos mais pobres. Algo que poderíamos indagar seria: se a penetração do PT nesse segmento seria dada por ele ser pobre, e existiria uma identificação entre esse segmento e o partido por ele vir a representar seus interesses, ou se o oposicionismo sistemático dessa parcela do eleitorado é que importaria para o voto no partido.

Aqui é importante destacar os apontamentos de Meneguello (1989), que observou que a votação do PT na cidade de São Paulo foi maior nas regiões fronteiriças ao ABC, indicando a existência de uma forte influência da proximidade com o ABC no voto no PT. A autora também vai destacar a importância da existência de uma organização partidária local para analisar as regiões onde o PT obteve um alto índice de votação. Assim, a combinação destes três elementos: maior nível de pobreza, proximidade geográfica com a região do ABC³ e certa organização partidária local, vão ser importantes para determinação do voto no PT nas eleições de 1982.

Sobre o eleitorado do PT nas eleições de 1985, Lamounier e Muszynski (1986) vão destacar que nessas eleições o partido ampliará sua penetração na periferia da cidade e nos segmentos mais ideológico à esquerda do eleitorado, atraindo os votos desses segmentos, até então fiéis ao PMDB, apontando também para uma maior penetração do PT no eleitorado mais jovem e mais escolarizado. Meneguello e Alves (1986) apontam ainda que o voto petista de 1985 “*diferentemente dos outros partidos [...] não revela um padrão definido de distribuição geográfica*”, dado que o PT

² Segundo Lamounier e Muszynski (1983) o PT obteve seus melhores resultados nas áreas homogêneas VII, com 17,2%, e VIII, com 17,8%.

³ Conforme destaca Meneguello (1989), “a dinâmica que definiu os resultados eleitorais do PT nas eleições de 1982 recebeu a denominação de ‘efeito de propinquidade’. Este fenômeno define-se como a orientação do comportamento eleitoral e da identificação partidária pela influência da semelhança estrutural e da proximidade geográfica de um polo difusor (no caso, a região do ABC) sobre certas regiões”. Ver Meneguello, 1989, pág.133.

apresentará um crescimento na votação obtida em todas as “*áreas socioeconômicas e unidades administrativas e em quase todos os distritos eleitorais*”⁴. Porém, os altos índices de votação no partido se concentrará “*nas áreas mais pobres da capital, as periferias das zonas Leste, Norte e Sul do município*”⁵. Contudo, tanto Lamounier e Muszyski (1986) como Meneguello e Alves (1986) destacam que nos redutos de baixa renda o PMDB, nessas eleições, ainda apresentará um importante apoio.

Embora a análise do comportamento eleitoral a partir da utilização das áreas homogêneas, apesar de ser um instrumento útil para compreensão de aspectos do comportamento eleitoral na cidade de São Paulo, ao agregar as regiões da cidade com características socioeconômicas similares, em especial no caso da periferia, dilui suas diferenças geográficas, como destaca Pierucci (1989), *assim “as camadas de baixa renda apareciam indistintas: os pobres da periferia e os pobres das áreas centrais e mais ricas vinham diluídos num mesmo agrupamento estatístico indiferenciado”*⁶. A partir desta constatação Pierucci (1989) analisará de que forma os diferentes níveis socioeconômicos vão influir na intenção de voto para governador nas eleições de 1986 dentro das áreas homogêneas, agora dividida em 5 faixas⁷.

Conforme os dados apresentados por Pierucci (1989), observamos que o candidato do PT ao governo do Estado de São Paulo em 1986, Eduardo Suplicy, na capital paulista, apresentaria uma maior penetração no eleitorado das áreas homogêneas mais pobres com renda familiar mensal entre 4 a 10 salários mínimos (SM).⁸ Assim, a maior penetração do PT nas áreas homogêneas mais pobres, do que nas áreas mais ricas, nas eleições de 1986, estaria localizada principalmente na maior penetração do PT entre o eleitorado de renda média dessas regiões, e não do eleitorado mais pobre dessas áreas.

Ao analisar a vitória obtida pelo PT para a prefeitura de São Paulo nas eleições de 1988, Pierucci e Lima (1991) ressaltam que esta foi consequência de uma migração de voto na reta final da eleição de potenciais eleitores do PSDB e PMDB, e também, da adesão de setores mais pobres, menos escolarizados e do sexo feminino. Mas, segundo

⁴ Meneguello e Alves (1986), p.98.

⁵ *Idem*

⁶ Cf. Pierucci (1989), “A direita mora do outro lado da cidade”, pág. 8

⁷ Conforme destaca Pierucci e Lima (1991), o Datafolha vai reagrupar as antigas oito áreas homogêneas (AH) desenvolvidas pela SEPLAN (1977) em cinco AH a partir de observações locais e dados do censo. Ver Pierucci e Lima, 1991, pág. 16.

⁸ Segundo os dados apresentados por Pierucci (1989), Suplicy apresentava 14,5% no eleitorado de 4 a 10 SM na área homogênea 5 . ver Pierucci (1989), pág. 10, Tabela 4.

observam os autores, esse movimento se deu de forma menos intensa nas áreas mais pobres, onde o voto no PMDB nas eleições de 1988 permaneceu estável.⁹

A permanência da base pemedebistas no eleitorado mais pobre e a dificuldade de penetração mais consistente do PT nesse segmento será observada por Singer (1990) que destaca que apesar da vitória obtida em 1988 para a prefeitura da cidade, os dados referentes à eleição de 1989 para presidência da República na cidade de São Paulo demonstraram que embora o PT tivesse conquistado parte significativa do eleitorado de baixa renda, a maioria do eleitorado pobre, em especial os miseráveis e residentes na “última periferia”, sufragou Collor, e que tradicionalmente se identificava com o PMDB.¹⁰

O limite da ampliação da base petista no eleitorado mais pobre também será observado por Pierucci e Lima (1993) que utilizando como base para análise das eleições de 1992 os resultados das áreas homogêneas, também vão assinalar a presença do PT no eleitorado de baixa renda. Contudo, destacam que o *“PT[...] talvez esperasse que uma administração voltada para periferia lhe valesse o reconhecimento dos bairros mais pobres e carentes”*¹¹. Cabe observar que o vitorioso nesse segmento, em 1992, foi o candidato Paulo Maluf.

A partir do observado acima, podemos destacar que uma das características do PT desde sua primeira eleição, seria a de possuir uma maior penetração nas áreas homogêneas de baixa renda, mas não nos eleitores de baixa renda dessas regiões. Os dados encontrados em Pierucci (1989), que apresentam a intenção de voto por renda familiar por área homogênea, indicam que os maiores índices de intenção de voto no PT na região homogênea mais pobre (AH5) estavam entre os eleitores de renda média, de 4 a 10SM, sendo que o índice de intenção de voto entre os eleitores de até 4SM não era muito superior aos encontrados entre os dos eleitores das áreas homogêneas mais ricas¹², o que indicaria que penetração do PT no eleitorado mais pobre, como assinalado por vários autores, tinha limites. Como se verificou, tanto o PMDB, como as

⁹Cf. Pierucci e Lima (1991) “A direita que flutua” p.22.

¹⁰ Segundo Singer (1990) sugere: um “grande contingente de eleitores da última periferia de ter passado de uma identificação partidária com o antigo partido da oposição, o PMDB, para uma identificação de tipo personalista com um candidato que em um dado momento apareceu como diagnosticador mais preciso e como proponente das soluções mais diretas para os graves problemas sociais e econômicos daqueles votantes.” Singer, 1990. p.149.

¹¹ Cf. Pierucci e Lima (1993), “São Paulo a vitória da direita”, p.98.

¹² O PT tinha 7,9% entre os eleitores de com mais de 10SM na AH1, e 10,8% na AH5. Ver Pierucci (1989), pág.10.

candidaturas com perfis de direita, como o caso de Collor em 1989, e de Maluf em 1992 se sagrariam vencedores nessa parcela do eleitorado mais pobre. Assim, embora existisse uma penetração petista no eleitorado de baixa renda, não era o partido que detinha a maioria desse segmento.

Outro fator importante, e que precisa ser destacado, é o da influência da proximidade com a região do ABC no voto petista, o efeito propinquidade, conforme destacou Meneguello (1989). Como as regiões fronteiriças ao ABC são periféricas, e dado que para a composição do modelo de áreas homogêneas, essas regiões são inclusas nas áreas mais pobres, a análise da penetração do eleitorado petista nas regiões mais pobres poderia ter seu resultado amplificado pelo apoio ao partido nessas regiões fronteiriças. Assim, o mais importante não seriam propriamente as características socioeconômicas do eleitor, mas sim, a sua localização geográfica.

Tabela 1 - Intenção de voto para prefeito, por renda. (1988 e 1992)
(somente intenção de voto para prefeito no PT)

	1988	1992
Ate 5 S.M.	12%	14%
Mais de 5 a 10 S.M.	18%	24%
Mais de 10 S.M.	16%	28%
Total	12%	22%

Fonte: DataFolha

Os dados dos surveys do Datafolha para as eleições de 1988 e 1992, podem ser um indicativo daquilo que afirmamos anteriormente. Ao observarmos a Tabela 1, verificamos que a intenção de voto no PT, cresce à medida que a faixa de renda aumenta – com exceção entre os eleitores com mais de 10SM nos dados da pesquisa de 1988 –, sendo que os melhores resultados obtidos pelo partido podem ser observados nas faixas de maior renda. Embora seja necessário destacar que a pesquisa de 1988, aqui utilizada tenha certa distância¹³ do dia do pleito – e conforme já destacou Pierucci e Lima (1991) existiu uma migração de votos nos últimos dias da eleição de 1988 que possibilitou a eleição do PT. Na pesquisa de 1992, muito próxima às eleições¹⁴, observamos uma maior intenção de votos nos estratos de renda mais alto, do que nos de renda baixa.

¹³ Pesquisa Datafolha de 16/10/1988.

¹⁴ Pesquisa Datafolha de 29/09/1992.

Tabela 2 - Intenção de voto para prefeito, por escolaridade. (1988 e 1992)
(somente intenção de voto para prefeito no PT)

	1988	1992
Até 1º grau	6%	13%
2º grau	14%	30%
Superior	12%	37%
Total	9%	22%

Fonte: DataFolha

Os dados da Tabela 2, que apresenta o cruzamento de intenção de voto com escolaridade, acompanham a tendência que Lamouinier e Muszynski (1986) e Pierucci (1989) destacavam sobre o perfil eleitoral do PT em São Paulo. É possível verificar que a intenção de voto no partido aumento à medida que também aumenta a escolaridade do eleitor, com exceção de 1988, onde há um pequeno declínio na intenção de voto entre os eleitores mais escolarizados.

Tabela 3 - Preferência partidária, por renda. (1988 e 1992)
(somente preferência partidária pelo PT)

	1988	1992
Ate 5 S.M.	12%	16%
Mais de 5 a 10 S.M.	20%	28%
Mais de 10 S.M.	26%	25%
Total	16%	23%

Fonte: DataFolha

Os resultados das Tabelas 3 (acima) e 4 (abaixo), acompanham o que já foi verificado nos resultado de intenção de voto. A preferência pelo PT é maior nos segmentos de maior e renda e maior escolaridade, do que no estrato mais baixo. Há um pequeno declínio na preferência pelo PT por renda entre os eleitores de maior renda em 1992. Contudo, a preferência partidária nesse segmento é maior do que entre os eleitores de até 5 SM.

Tabela 4 - Preferência partidária, por escolaridade. (1988 e 1992)
(somente preferência partidária pelo PT)

	1988	1992
Até 1º grau	10%	17%
2º grau	21%	28%
Superior	22%	31%
Total	14%	23%

Fonte: DataFolha

Como destacamos, o centro da observação da produção sobre o comportamento eleitoral, entre 1982 e 1992, não foi a observação da base do PT na cidade. A análise do seu eleitorado, aconteceu por vezes lateralmente, englobada dentro de uma perspectiva que o analisava por uma ótica de voto oposicionista. A análise do perfil do eleitor petista, observado a partir das áreas homogêneas – tanto os resultados eleitorais, como os surveys – deve considerar a diferenciação socioeconômica dos eleitores de uma mesma área, a fim de captar as diferenças internas e externas dessas áreas e o peso das regiões fronteiriças ao ABC dentro das áreas homogêneas mais pobres. Conforme observamos, tanto o eleitor de maior renda nas áreas homogêneas mais pobres, como a proximidade dessas áreas com relação ao ABC, pode influir no voto petista. Assim, os dados observados no surveys, que indicam uma maior intenção de voto no PT nos segmentos de maior renda do eleitorado, e os resultados das áreas homogêneas que indicariam uma maior votação nas áreas homogêneas mais pobres não são contraditórios entre si.

As bases eleitorais do PT nas eleições municipais de São Paulo (1996-2008)

Buscaremos, a partir da apresentação do debate sobre a base eleitoral do PT nas eleições paulistas de 1996 a 2008, apresentar possíveis caminhos para enfrentar o debate iniciado anteriormente: encontrar as características da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo. Embora admitindo que a composição da base eleitoral do PT tenha tido uma tendência de penetração no eleitorado de baixa renda, conforme observamos anteriormente, esta tendência estaria mais localizada nas regiões fronteiriças ao ABC e ao eleitorado de renda média das áreas homogêneas mais pobres, do que tenha sido uma tendência de penetração generalizada do partido nesse eleitorado de baixa renda, sendo que no conjunto da cidade de São Paulo a característica da base eleitoral petista se destacava por ser mais escolarizada e de renda elevada, conforme pudemos observar nas Tabelas 1 a 4.

Para analisar a composição dos votos petistas nas eleições municipais paulistanas de 1996 a 2008, vamos utilizar os surveys do Datafolha que foram realizados nesse período, apresentando a evolução da intenção de voto e preferência pelo PT por renda e escolaridade. Com o objetivo de verificar a existência de padrões geográficos na votação do PT na cidade, também utilizaremos análise espacial, com o propósito de observar ao longo dessas eleições sinais de mudança e/ou continuidade desses padrões.

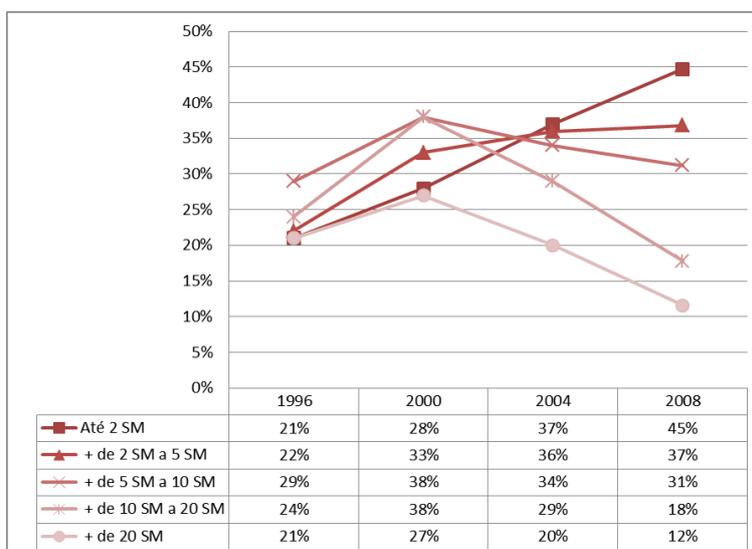
A utilização dessas duas abordagens permitirá verificar as características socioeconômicas do eleitor petista e a localização geográfica desse voto. Observaremos como ele evoluiu ao longo dessas quatro eleições, bem como verificaremos a existência de mudanças e transformações desse eleitorado, tanto socioeconomicamente, como geograficamente.

Os surveys de 1996 a 2008

Os dados do Gráfico 1, onde observamos a evolução da intenção de voto do PT ao longo dessas quatro eleições, demonstram uma tendência de crescimento da intenção de voto no PT em todas as faixas de renda de 1996 a 2000. Esse crescimento, em certa medida, vai acompanhar o crescimento do PT entre essas eleições (22,83% em 1996, e 38,01% em 2000)¹⁵. Mas o dado mais relevante, é que a partir de 2000, apenas as faixas de renda mais baixa, de até dois salários mínimos (2SM) e de até cinco salários mínimos de renda familiar mensal (5SM) vão apresentar crescimento contínuo. As demais faixas, acima de 5SM vão apresentar uma tendência de queda em 2004, o que se acentua nas eleições de 2008.

¹⁵ Fonte: TRE-SP

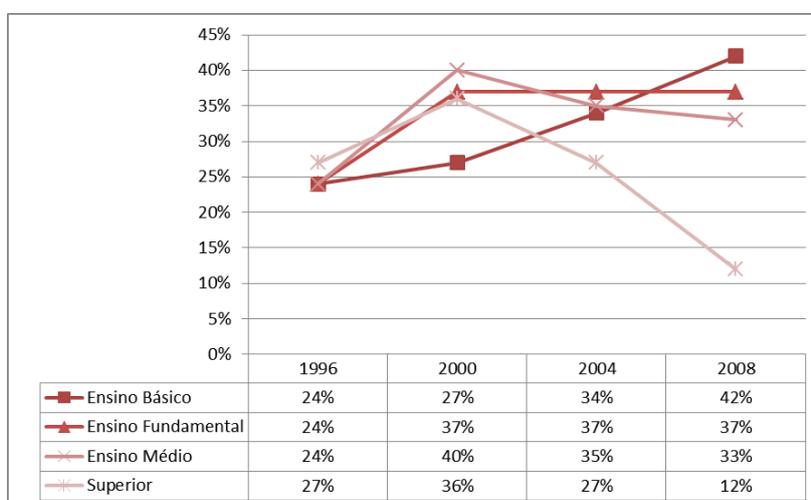
Gráfico 1 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo, por renda (1996-2008) - 1º Turno - (somente intenção de votos no PT)



Fonte: DataFolha

Se compararmos a tendência do Gráfico 1, com o que já havíamos observado nas eleições de 1988 e 1992, onde o PT obtinha seus melhores resultados nas faixas de renda acima de 5 SM, podemos afirmar que até 2000, a intenção de voto por renda, seguia o padrão de voto no PT quanto maior a renda. Contudo, a partir de 2004, o que se verifica, é uma inversão desta tendência de maior apoio do PT nas faixas de renda mais alta, pois é justamente nas faixas de renda mais baixa que o partido obtém seus melhores índices de intenção de voto.

Gráfico 2 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo, por escolaridade (1996-2008) - 1º Turno - (somente intenção de votos no PT)

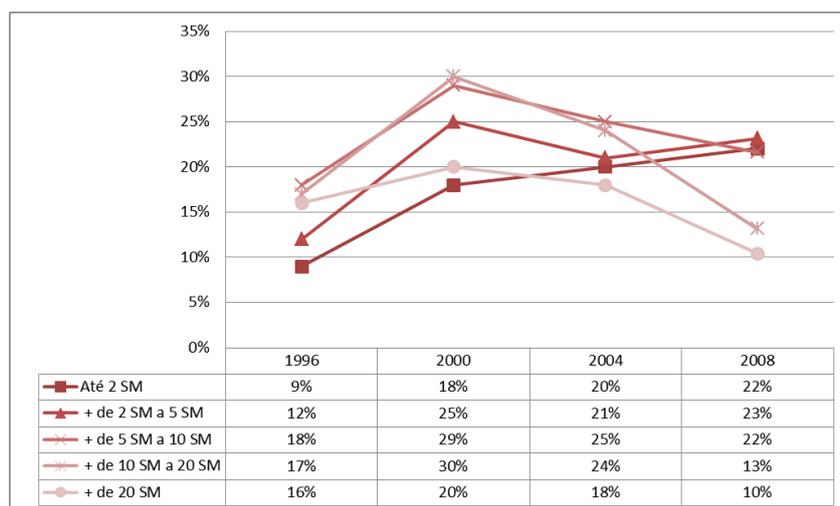


Fonte: Datafolha

Os dados do Gráfico 2, onde se verifica a evolução da intenção de voto por escolaridade, vai seguir o mesmo padrão observado anteriormente. A votação do PT aumenta constantemente no grau de escolaridade mais baixo, ensino básico, e diminui nos estratos mais elevados, sendo que o padrão vai se inverter em 2004. Até a eleição de 2000, o que se observa é a manutenção do padrão anterior, onde o PT obtinha seus melhores resultados nos setores mais escolarizados do eleitorado paulistano.

Limongi e Mesquita (2008), analisando as transformações da preferência do eleitor, indicam sinais de uma possível modificação eleitoral do PT já em 1996, com a incorporação de eleitores de baixa escolaridade, fato que não tinha acontecido em 1992, quando a periferia não teria votado no PT, segundo os autores.¹⁶

Gráfico 3 – Preferência partidária, por renda (1996-2008) - (somente preferência partidária pelo PT)

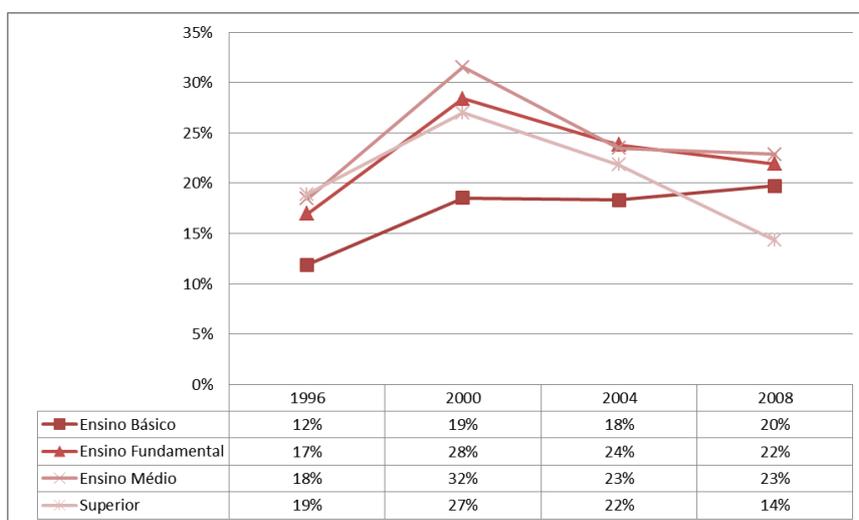


Fonte: DataFolha

No Gráfico 3, observamos a evolução da preferência partidária por renda, os dados acompanham aquilo que já destacamos nos Gráficos 1 e 2, a preferência pelo PT aumenta nas rendas mais baixas, e diminui nas mais altas, a partir de 2004. De forma que verificamos também aqui, uma inversão de tendência em 2008. Nas eleições de 2004, a preferência partidária pelo PT ainda vai ser superior nas faixas de renda mais alta, com exceção dos eleitores com renda acima de 20SM.

¹⁶Essa incorporação de uma nova base social estaria, segundo os autores, “ficando claro que as bases do recrutamento do PT estão se alterando e que o partido está ganhando um cara mais nitidamente popular” Ver Limongi e Mesquita, 2008, p.60

Gráfico 4 – Preferência partidária, por escolaridade (1996-2008) - (somente preferência partidária pelo PT)



Fonte: Datafolha

A evolução da preferência partidária por escolaridade, que observamos no Gráfico 4, também seguirá o padrão dos gráficos anteriores (1 a 3) – tendência de queda nos estratos mais elevados a partir de 2004. A preferência partidária pelo PT aumentará no segmento menos escolarizado, ensino básico, se mantendo ascendente desde 1996, mas irá diminuir entre os leitores mais escolarizados. Embora o partido ainda obtenha seus melhores resultados entre os eleitores com ensino fundamental e médio, esse apoio vem decaindo ao longo dos anos, principalmente a partir de 2004. É importante destacar a evolução da curva de preferência partidária para os eleitores com ensino superior, que decai com alta intensidade. Conforme observávamos nas eleições da década de 1990, o PT tinha uma alta identificação partidária neste segmento mais escolarizado.

Os resultados apresentados dos dados descritivos (Gráficos 1 a 4) apontam para uma possível modificação da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo. Ela se inicia em 2004 e vai se intensificar em 2008. As características que observávamos da composição do eleitorado petista nas eleições das décadas de 1980 e 1990, que consistia num eleitorado com renda elevada e um alto grau de escolaridade (Tabelas 1 a 4; Gráficos 1 a 4), se manterá somente até as eleições de 2000. Os dados relativos às eleições de 2004 e 2008 vão apresentar uma situação inversa do que se observava na

base eleitoral petista. O seu maior eleitorado, a partir de 2004, se concentrará nos estratos inferiores de renda e de escolaridade.

As bases geográficas do PT

Conforme observamos, a partir dos dados dos surveys, é possível verificar uma mudança de situação na base eleitoral do PT na capital paulistana. Buscaremos observar se essa mudança ocorreu também nas bases geográfica do partido. Para isso, utilizaremos a técnica de análise espacial, de modo a verificarmos a existência padrões de voto, analisando ao longo dessas quatro eleições mudanças e/ou manutenção dessas bases eleitorais.

Utilizaremos como unidade de análise os distritos da capital paulista, que somam um total de 96. Agrupamos a votação para prefeito – somente os resultados do 1º turno – obtidos pelo PT para cada um desses 96 distritos nas quatro eleições analisadas¹⁷. Para testar a existência de correlação espacial em cada eleição, utilizaremos o índice global de Moran I. Esse índice como observa Câmara et al. (2004), “*presta-se a um teste cuja hipótese nula é de independência espacial; neste caso, seu valor seria zero. Valores positivos (entre 0 e +1) indicam correlação direta e negativos (entre 0 e -1) correlação inversa*”¹⁸. Conforme se verifica abaixo na Tabela os índices de Moran I¹⁹ para essas eleições são bastante elevados, o que indica a influência do aspecto regional na composição voto.

Tabela 6 - I Moran para eleições municipais de São Paulo (1996-2008)

	1996	2000	2004	2008
I Moran	0.6717	0.5848	0.7548	0.7709
p-valor	0.01	0.01	0.01	0.01

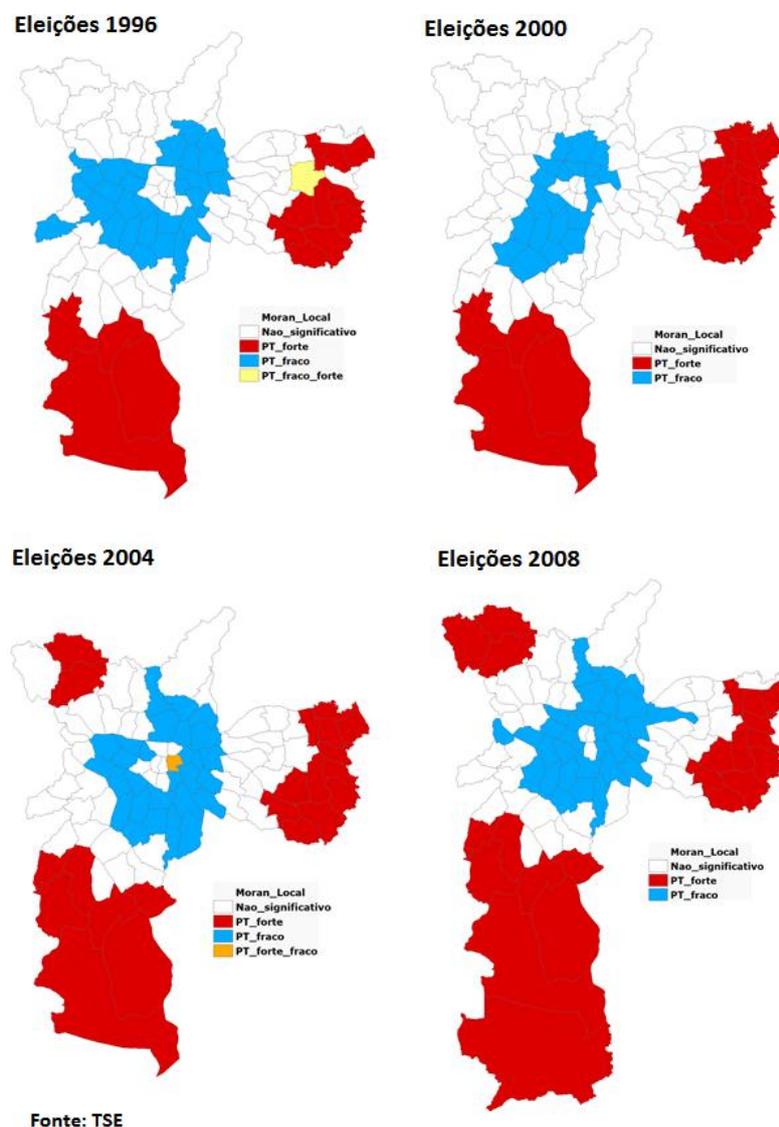
¹⁷ Para os anos de 1996, 2000 e 2004, o distrito de Marsilac, ao extremo sul de São Paulo, não possui resultado não sendo incluído para construção do modelo para esses anos.

¹⁸ Câmara et al., 2004, p.14

¹⁹ Conforme observa Câmara et al. (2004), “o índice de Moran I é equivalente ao coeficiente de regressão linear que indica a inclinação da reta de regressão (α) de wz em z .”

Para análise dos padrões geográficos utilizaremos o índice de Moran Local²⁰ que em termos gerais, faz a verificação da média da votação da unidade, no caso o distrito, a compara com a votação das unidades vizinhas fronteiriças, e compara com a votação média total (Câmara et al, 2004). Os distritos que possuem significância estatística e apresentarem correlação espacial apareceram destacados no mapa. Dessa forma, será possível obtermos cluster com a indicação da tendência de voto no PT. Isso nos possibilitará observar os distritos onde o PT teve uma votação elevada e onde a votação do partido foi abaixo da média.

Figura 1 –Moran Local, eleições municipais de São Paulo (1996-2008)



²⁰ Segundo Câmara *et al.* (2004) “A significância estatística do uso do índice de Moran local é computada de forma similar ao caso do índice global. Para cada área, calcula-se o índice local, e depois permuta-se aleatoriamente o valor das demais áreas, até obter uma pseudo-distribuição para a qual podemos computar os parâmetros de significância.” Ver Câmara *et al.*, 2004, p.22.

Na Figura 1 (acima) observamos os mapas das eleições de 1996 a 2008. Verificamos, à primeira vista, que o padrão geográfico do voto no PT não sofreu grandes alterações ao longo dessas eleições. Houve um aumento da penetração do PT nas regiões periféricas da cidade, e uma perda de apoio nas regiões centrais. Contudo, não houve a rigor uma inversão de apoio nas regiões. O que reforçaria os apontamentos de Figueiredo *et al.* (2002), que afirma que no caso do PT, as regiões onde o partido obteve o seu melhor e o pior desempenho demonstram uma estabilidade nos locais de votação²¹, podendo se falar de redutos eleitorais. O “partido parece ter bases sólidas” que possibilitam um apoio estável em todos os pleitos, na análise feita entre 1996-2000²².

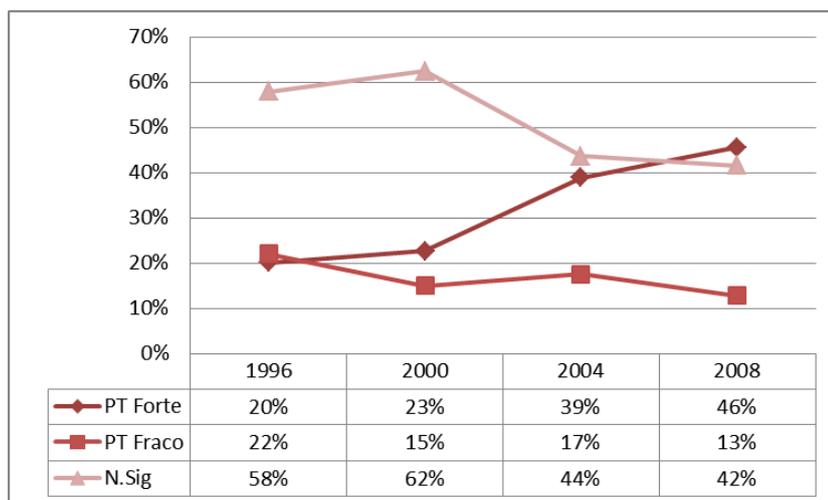
Não há na cidade de São Paulo, o mesmo padrão observado nacionalmente, entre 2002 e 2006, de inversão de bases de apoio geográfica, a exemplo do que verificou Terron (2009) quando se observa uma inversão de territórios eleitorais petistas²³. Observa-se uma maior penetração do PT nos extremos, e uma perda de apoio nos distritos mais próximos a região central.

²¹ De acordo com a observação de Figueiredo *et al.* (2002), o PSDB obteria maior apoio nas regiões centrais e de maior renda, o PP nos bairros tradicionais de classe média baixa e o PT teria uma votação mais expressiva nas regiões mais pobres da cidade. Os autores constataram também que a perda de votos sofrida pelo PMDB a partir de 1982 não tem uma identificação tão fácil. No entanto, conforme destacam os autores, uma parcela desses votos, principalmente os da periferia, teriam migrado para o PT. Os autores observam que o desempenho do PT é composto por muita variação ao longo do período, mas mantém uma associação com regiões de menores rendas.

²² Segundo Figueiredo *et al.* (2002) é possível evidenciar a existência de um padrão de distribuição dos votos na cidade de São Paulo. Os autores demonstram que as regiões que apresentam uma maior concentração de votos nulos e brancos são compostas principalmente pelos distritos de Jardim Ângela, Jardim São Luis e Parelheiros, e que a região que é possível identificar um dos maiores índices de associação, via modelo de análise fatorial, com o PT, é a região leste, mas especificamente nos distritos de São Rafael, Iguatemi, Sapopemba e São Mateus. Ver Figueiredo *et al.*, p.156-8.

²³ Terron (2009)

Gráfico 5 – Peso dos Distritos PT Forte, PT Fraco e Não Significativo para a composição do Voto do PT nas eleições municipais de São Paulo (1996-2008)



Fonte: TSE

Se não houve grandes deslocamentos no apoio ao PT, modificando o padrão geográfico do voto de uma região para outra, a análise do impacto dos redutos onde o partido obtinha seus melhores resultados, bem como das localidades onde sua votação era muito baixa, demonstra uma significativa modificação. Se em 1996, do total de votos obtidos pelo PT 22% eram provenientes das áreas em que o partido tinha os seus menores índices de votação, apenas 20% dos seus votos provinham das áreas que o PT obtinha seus melhores índices de votação, o seu reduto, ou seja, era ligeiramente superior a contribuição de vota das áreas onde o partido não sairia tão bem, do que seus melhores resultados. Essa configuração, contudo, começa a se alterar em 2000, e se intensifica em 2004. Nessa eleição, quase 40% dos votos obtidos pelo PT provêm de seus redutos, índice que vai subir para 46% em 2008.

É importante destacar que uma análise da variação dos resultados eleitorais do PT na cidade de São Paulo para as eleições municipais do período, 2000 a 2008, demonstra que houve poucas oscilações nos resultados obtidos pelo partido, porém, apresentam uma tendência de declínio. Como se pode observar, em 2000, o PT obteve 38,01%; em 2004, a votação foi de 35,82%; e em 2008 o resultado foi de 32,79%.²⁴ Assim, a dependência dos votos do PT de seus distritos/redutos para composição final de sua votação na cidade se mostra bem impressionante.

²⁴ Segundo dados obtidos junto ao TRE-SP. <www.tre-sp.gov.br>

Tabela 7 - Número de distritos por indicação no Moran Local

	1996	2000	2004	2008
Não significativo	51	57	46	41
PT Forte/Forte-Fraco	14	17	22	22
PT Fraco/Fraco-Forte	30	21	27	33

Conforme se observa na Tabela 7, onde consta o número de distritos onde o PT teve sua melhor e pior penetração entre as eleições de 1996 a 2008, a variação entre os distritos que são redutos petistas passa de 14 em 1996 para 22 em 2004, e nos distritos onde o partido tem um desempenho fraco, cai de 1996 a 2000, de 30 para 21, e volta a subir de 2004 a 2008, passando de 27 para 33 distritos. Um dado importante a ser destacado, é que embora o número de distritos petista não se altere de 2004 para 2008, permanecendo 22 distritos em ambas as eleições, ao observamos o Gráfico 5 verificamos que há um aumento do peso desses distritos na composição do voto do PT nas eleições de 2008, que passa de 39 % para 46%.

Considerações Finais

Buscamos analisar na literatura sobre as eleições na cidade de São Paulo elementos que nos permitissem verificar as características das bases eleitorais petistas, com a finalidade de analisar a evolução dessas bases ao longo das eleições para constatar a existência ou não de sinais de mudança do perfil desse eleitorado.

Conforme já destacamos anteriormente, o foco da literatura de parte do período não estava centrado na análise da base petista, temas como o voto emedebista/pemedebista, e a ascensão da direita na cidade foram o objeto de boa parte dos trabalhos. As bases eleitorais do PT foram abordadas de forma lateral nessa literatura, à exceção de Meneguello (1989). Associado a isso, a votação do PT analisada a partir das áreas homogêneas – onde regiões periféricas próximas ao ABC compõem as áreas homogêneas de menor renda, e que, como já observado, há diferenças no comportamento eleitoral dos eleitores dentro de uma mesma área homogênea, quando analisados a partir de suas características socioeconômicas – podem influenciar o resultado da observação. O dado mais importante não seria uma maior penetração do PT no eleitorado das áreas homogêneas mais pobres, mas sim a

proximidade desse eleitorado à região do ABC, e uma maior penetração no eleitorado de renda média das áreas homogêneas mais pobres.

A partir da análise dos surveys, pudemos verificar a característica do eleitorado petista como pertencente aos estratos médios e altos da sociedade paulistana. Observamos que esse perfil se manteve até as eleições de 2000, sendo que a partir das eleições de 2004, esse perfil se alterará. O PT passa a apresentar um perfil mais popular, constituído por um eleitor de renda e escolaridade baixa. O PT conquistou um tipo de eleitor diferente do seu tradicional eleitorado, que o acompanhou até as eleições de 2000.

Esses indícios acima citados, ainda que não conclusivos, sugerem que há elementos para supor a existência de uma mudança da base eleitoral do PT no município de São Paulo. Ainda que essa mudança não tenha se manifestado geograficamente, dada manutenção parcial das bases de apoio e de dificuldade de penetração ao longo das eleições, o peso dessas regiões para a composição do voto petista se alterou substancialmente. Em 2008 (vide Gráfico 5) quase metade dos votos obtidos pelo PT são provenientes das suas bases geográficas de apoio.

E retomando a pergunta colocada na introdução que indagava: houve mudança na base eleitoral do PT? É possível dizer que os indícios sugerem que sim.

Bibliografia Consultada

CÂMARA, Gilberto et al. (2004). “Análise espacial de áreas”. Druck, S.; Carvalho, M.S.; Câmara, G.; Monteiro, A.V.M. (eds) In: *Análise Espacial de Dados Geográficos*. EMBRAPA. Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/analise/index.html>>. Acessado em 22/01/2012.

CASTRO, Mônica M. (1992) “Sujeito e estruturas do comportamento eleitoral”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 20.

DATAFOLHA, INSTITUTO DE PESQUISAS. Intenção de Voto para Prefeito de São Paulo, 1º Turno – 3 e 4 de Outubro de 2008. (Banco de dados - PO3448).

FERREIRA, Oliveiros S. (1960) “Comportamento eleitoral em São Paulo”. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, vol. 8.

_____. (1964) "A crise de poder do 'sistema' e as eleições paulistanas de 1962". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, vol. 16.

Intenção de voto para prefeito 1988 – DAT/SP88.SET-00112. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública – CESOP-UNICAMP. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acessado em 29/02/2012.

Intenção de voto para prefeito 1992 – DAT/SP92.SET-00313. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública – CESOP-UNICAMP. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acessado em 29/02/2012.

Intenção de voto para prefeito 1996 – DAT/SP96.SET-00701. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública – CESOP-UNICAMP. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acessado em 27/05/2011.

Intenção de voto para prefeito 2000 – DATAFOLHA/SPcap00.SET-01159. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública – CESOP-UNICAMP. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acessado em 07/04/2011.

Intenção de voto para prefeito 2004 – DATAFOLHA/SPcap04.OUT-02514. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública – CESOP-UNICAMP. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acessado em 27/05/2011.

FIGUEIREDO, Argelina *et al.* (2002). “Partidos e Distribuição Espacial do Voto na Cidade de São Paulo”. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 64.

GELMAN, Andrew. e HILL, Jennifer. (2007) *Data Analysis Using Regression and Multilevel/Hierarchical Models*. Cambridge University Press

GUJARATI, Damodar. (2000) *Econometria Básica*. Maron Books. 3º Ed.

LAMOUNIER, Bolivar. (1978) "Comportamento eleitoral em São Paulo: passado e presente". In: *idem e Cardoso, Fernando Henrique (org.). Os partidos e as eleições no Brasil*. Paz e Terra.

_____. (1980) "O voto em São Paulo, 1970-1978". In: idem (org.). *Voto de desconfiança: eleições e mudança política no Brasil, 1970-1979*. Vozes/Cebrap.

_____. e MUSZYNSKI, Judith. (1986) "A eleição de Jânio" In: Lamounier, B.(org.). *1985: O voto em São Paulo*. IDESP.

LIMA, Marcelo Coutinho. (1996) "Volatilidade eleitoral em São Paulo, 1985-92". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 46.

LIMONGI, Fernando *et al.* (2008) "Mudanças e continuidade nas eleições de São Paulo". Artigo para o XXXII encontro anual da ANPOCS. (Mimeo)

_____ e MESQUITA, Lara. (2008) "*Estratégia partidária e preferência dos eleitores*". *Novos Estudos*, n. 81.

LIPSET, Seymour M.(1967) *O homem político*. Zahar.

MAINWAING, Scott, MENEGUELLO, Raquel e POWER, Timothy, (2000) "Bases sociais dos partidos conservadores" in: *Partidos conservadores no Brasil contemporâneo*, Paz e Terra.

MENEGUELLO, Rachel e MARTINS ALVES, Ricardo. (1986) "Tendências eleitorais em São Paulo, 1974-1985". In: Lamounier, B. (org.). *1985: O voto em São Paulo*. IDESP.

_____. (1989) *PT: a formação de um partido 1979-1982*. Paz e Terra.

NOVAIS, Carlos Alberto Marques. (1996) "A geografia do voto em São Paulo". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 46.

PARK David K., GELMAN, Andrew. e BAFUMI, Joseph State-Level Opinions from National Surveys: Poststratification using Hierarchical Logistic Regression. (Mimeo)

PIERUCCI, Antonio Flávio. (1986) "Um toque de classe, média baixa". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 14.

_____. (1988) "A Direita Mora do outro Lado da Cidade". Artigo para o XII encontro anual da ANPOCS.

_____. e LIMA, Marcelo O. Coutinho. (1991). "A Direita que Flutua". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 29.

_____ e LIMA, Marcelo O. Coutinho . (1993) "São Paulo 92, a vitória da direita", *Novos Estudos, CEBRAP*, nº 35.

PIMENTEL Jr, Jairo e PENTEADO, Claudio L. Camargo. (2011) "Predisposições, avaliação de governo e campanha eleitoral: a vitória de Kassab em São Paulo". In: Lavareda, Antônio e Telles, Helcimara (orgs.). *Como o eleitor escolhe seu prefeito. Campanha e voto nas eleições municipais*. FGV

SADEK, M. Tereza R. (1986) "A Trajetória de Jânio Quadros". In: Lamounier, B. (org.). *1985: O Voto em São Paulo*. São Paulo, IDESP.

SIMÃO, Aziz. (1956) "O voto operário em São Paulo". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, vol. 1.

SINGER, André. (1990) "Collor na periferia: a volta por cima do populismo?". In: Lamounier, Bolivar (ed.). *De Geisel a Collor: o balanço da transição*. Sumaré.

_____. (2002). *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro*. EDUSP.

_____. (2009) "Raízes sociais e ideológicas do Lulismo". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 85.

_____. (2010) "A segunda alma do Partido dos Trabalhadores". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 88.

TERRON, Sonia. (2009) A composição de Territórios Eleitorais no Brasil: Uma análise das Votações de Lula (1989-2006). Tese de Doutorado. IUPERJ

WEFFORT, Francisco C. (1965) "Raízes sociais do populismo em São Paulo", *Revista Civilização Brasileira*, nº 2.